

LEGADOS DE LÉLIA GONZALEZ: A TEORIA SOCIAL MOBILIZANDO AFETOS, RE-EXISTÊNCIAS E PERTENCIMENTOS ¹

Elen Cristina Ramos dos Santos

Mestrado em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-6424-9943>
elencrisramos@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho propõe-se a investigar a presença e re-existência da intelectual Lélia Gonzalez (1935-1994) no contexto acadêmico brasileiro no que toca sua apropriação epistemológica, política e afetiva entre estudantes universitários/as. A pesquisa, de tipo qualitativa, foi realizada através de questionários e entrevistas com estudantes de graduação e pós-graduação, os quais permitiram analisar de que modo o pensamento da autora está sendo recepcionado, debatido, percebido. A despeito da tentativa de invisibilização da autora por parte do projeto eurocêntrico e racista de conhecimento, os relatos das/os estudantes convergiram com o cenário de (re)existência estabelecidos por uma rede de forças, contra o *epistemicídio*, atuantes dentro e fora da universidade, que não permitem que o legado e relevância de Gonzalez seja relegado ao esquecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil; Contra-colonização; Estudante universitario; Intelectual; Lélia Gonzalez; Universidade.

LEGACIES OF LÉLIA GONZALEZ: SOCIAL THEORY MOBILIZING AFFECTIONS, RE-EXISTENCES AND BELONGING

|
165

ABSTRACT

This paper intends to investigate the presence and re-existence of the intellectual Lélia Gonzalez (1935-1994) in the Brazilian academic context with regard to her epistemological, political and affective appropriation among college students. The research, qualitative in nature, was carried out through questionnaires and interviews with undergraduate and graduate students, which allowed us to analyze how the author's thought is being received, debated and perceived. Despite the attempt of invisibilization of the author by the Eurocentric and racist project of knowledge, the reports of the students converged with the scenario of resistance established by a network of forces against epistemicide, acting inside and outside the university, which do not allow the legacy and relevance of Gonzalez to be relegated to oblivion.

KEYWORDS: Brazil; Counter-colonization; Intellectual; Lélia Gonzalez; University; University student.

¹ O presente trabalho traz parte dos resultados do meu trabalho de conclusão de graduação em sociologia na Universidade de Brasília (UnB)

LEGADOS DE LÉLIA GONZALEZ: TEORÍA SOCIAL MOVILIZADORA DE AFECTOS, RE-EXISTENCIAS Y PERTENENCIAS

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo investigar la presencia y re-existencia de la intelectual Lélia Gonzalez (1935-1994) en el contexto académico brasileño en términos de su apropiación epistemológica, política y afectiva entre estudiantes universitarios. La investigación cualitativa se llevó a cabo mediante cuestionarios y entrevistas con estudiantes de grado y posgrado, lo que permitió analizar cómo el pensamiento de la autora está siendo recibido, debatido y percibido. A pesar del intento de invisibilización del autor por el proyecto eurocéntrico y racista del conocimiento, los relatos de los estudiantes convergieron con el escenario de (re)existencia establecido por una red de fuerzas, contra el epistemicidio, activas dentro y fuera de la universidad, que no permiten que el legado y la relevancia de González sean relegados al olvido.

KEYWORDS: Brasil; Contra-colonización; Estudiante universitario; Intelectual; Lélia Gonzalez; Universidad.

Artigo submetido ao sistema de similaridade

Submetido em: 04/01/2023 – Aprovado em: 25/02/2023 – Publicado em: 30/04/2023

*Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional.

1 INTRODUÇÃO

Comumente a representação do que é um/a intelectual ou cientista no imaginário social é de um homem branco, sujeito por excelência do conhecimento, dotado de “racionalidade”, “neutralidade” e “imparcialidade”. Essa perspectiva tem em seu pano de fundo a construção de estereótipos conferidos às populações racializadas, gestados no contexto da empresa colonial e escravização no século XIV. Para atingir os anseios de dominação disseminou-se ali a representação de povos africanos animalizados, sem alma, suas cosmovisões, culturas e saberes como bestiais e demonizadas.

E é a partir dessa gênese sócio-histórica que foi inculcada e construída a ideia de povos negros como alheios a capacidade de pensar, produzir cultura e epistemologias válidas. Em outras palavras, a imagem ocidental do que seja um/a intelectual não concebe, que homens e mulheres negras sejam reconhecidas como intelectuais (ALVES, 2001).

Uma faceta específica do racismo atua na lógica da produção do conhecimento. O racismo, aqui, opera, na desqualificação, desumanização, nas inúmeras violências simbólicas, com relação a tudo aquilo de imaterial que seja produzido pelos sujeitos racializados: suas culturas, costumes e epistemologias (CESAR e NETO, 2020, p.14).

Trata-se, pois, de uma violência de tipo epistêmica, produtora de desigualdades e desvantagens históricas com relação as produções de conhecimento e saberes de povos racializados (REIS, 2020; GROSGOUEL, 2018, 2016). Dito de outro modo, o racismo epistêmico “opera pela via da lógica segundo a qual o único regime de verdade seria fornecido pela tradição do pensamento ocidental, cuja cosmovisão deveria se disseminar como forma 'superior' de conhecimento em detrimento de outras cosmologias e saberes” (REIS, 2020, p.8).

Encarando-se a persistência do racismo epistêmico e eurocentrismo marcantes do pensamento ocidental, presente nos enquadramentos da sociedade e da academiabrasileira, o legado de intelectuais como Lélia Gonzalez segue resistentemente sendo lembrado, resgatado e celebrado (SANTOS, 2020; MOURA e ALMEIDA, 2019) por diferentes forças, dentro e fora das universidades.

Pesquisadoras, estudiosas/os da vida e obra da intelectual questionam sua ausência e a marginalização de seu pensamento nas propositivas curriculares, nos debates das ciências sociais e humanas contemporâneas (MOURA e SANTOS, 2020). E, ao mesmo tempo, disputam a sua relevância e protagonismo no campo da teoria social brasileira (BARRETO, 2018; RATS e RIOS, 2016).

Sob a perspectiva das resistências, compreende-se neste artigo, que, à revelia desse projeto de sociedade e de produção de conhecimento que nega, marginaliza e apaga a contribuição de intelectuais negros e negras (GROSGOUEL e FIGUEIREDO, 2009) o legado teórico-político de Lélia Gonzalez tem sido reafirmado e reivindicado como um pensamento de

fundamental para as ciências sociais e humanas. É inquestionável qualidade e relevância de suas contribuições, sobretudo por sua produção nas temáticas do racismo e relações raciais; estudos de raça e gênero e a perspectiva afro-diaspórica. Nesse sentido, recobrar e reafirmar a relevância de Gonzalez para a teoria social brasileira “não se trata de uma descoberta. Trata-se de um movimento em que não é mais possível ocultá-la (SANTOS e BARBOSA, 2020, p. 46).

Lélia de Almeida Gonzalez construiu em vida vasto repertório teórico e político, o que possibilita seu reconhecimento como uma das grandes intérpretes o Brasil (BARRETO, 2018), como pilar epistemológico e político do Feminismo Negro e do Pensamento Negro Contemporâneo. Ela compõe a vanguarda de ativistas negros e negras organizados/as em movimentos sociais atuantes no processo de redemocratização do país.

Segundo as principais biografias e estudos de sua vida e obra, Gonzalez figura na história como uma *intelectual ativista* (RATTS; RIOS, 2010) mobilizadora de transformações profícuas tanto no meio acadêmico e intelectual quanto nas redes ativismo nas quais foi protagonista, estabelecendo pontes e tensões, destituindo as fronteiras colonialistas, racistas e patriarcais nesses ambientes (VIANA, 2006; BARRETO, 2005) Personifica uma trajetória de intenso engajamento político no Movimento Negro 13 Unificado (MNU) – tendo sido uma das fundadoras – tendo também cultivado aproximações com o Movimento Feminista a partir da década de 1970. Na década seguinte inicia, junto à outras mulheres negras ativistas, o insurgente Movimento de Mulheres Negras autônomo, sendo por isso considerada atualmente a grande precursora do Feminismo Negro Brasileiro. Além disso, atuou também na política partidária da esquerda brasileira alavancando candidaturas no Partido dos Trabalhadores (PT) e posteriormente no Partido Democrático Trabalhista (PDT).

O percurso do seu pensamento é amplo, combinando formação e imersão nas áreas da antropologia, filosofia, história e psicanálise, incursões no campo das artes, da cultura e a experiência e saber espiritual no candomblé, e nas matrizes de conhecimento africanas (BARRETO, 2005; RIOS; RATTS, 2016). A partir de tal repertório, Lélia tem sido reverenciada no interior de uma gama de tradições epistemológicas: como referência do *Pensamento Afro-Diaspórico*, *Epistemologia Negra e Feminista Negra*, do *Feminismo Afro-latinoamericano* e de um *Pensamento Interseccional* (CARDOSO, 2012; ZAMBRANO, 2017).

Diante da magnitude e relevância de Lélia Gonzalez e confrontando a persistência do racismo que persegue a contribuição de intelectuais negras, este trabalho tem como objetivo compreender e investigar a presença e a atualidade dessa intelectual e ativista no contexto da universidade brasileira. Me propus, a partir disso, ao desafio de analisar e perquirir sobre a re-existência, circulação e percepção do pensamento da autora considerando sua influência política, epistemológica e afetiva entre jovens estudantes da Universidade de Brasília (UnB) e da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

Utilizo e entendo os termos “afeto” e “afetividade” durante este trabalho como dimensões circunscritas nas relações subjetivas e intersubjetivas que as pessoas estabelecem consigo e com outras/os, com o mundo e realidade que as cerca. Trata-se de um debate amplo e em ascensão no meio acadêmico e da teoria social cujas investigações se debruçam sobre o papel dos afetos, sentimentos e emoções na configuração de subjetividades, práticas sociais e relações de poder. Leituras feministas compreendem que as matrizes de poder que organizam a sociedade – colonial, hétero-patriarcal, racista – consolidam não somente os dispositivos ideológicos, mas também dispositivos que estruturam afetos, emoções e sentimentos (SOLANA; VACAREZZA, 2020).

No tocante às reflexões sobre produção do conhecimento, o saber, as representações e formas de produzi-las que vêm sendo construído pelas epistemologias negras e feministas, propõem o rompimento com a dicotomização entre mente e corpo, entre razão e emoção, público e privado (GONZALEZ, 2020; SOLANA; VACAREZZA, 2020; COLLINS, 2019; HOOKS, 1995). No cenário da ciência ocidental, moderna e colonial as emoções e as corporeidades são vistas como entraves e elementos que invalidam o que se entende como “conhecimento verdadeiro”.

A perspectiva dos afetos em um estudo sobre as contribuições e legados de uma intelectual negra é mobilizado para compreender como o conhecimento é apropriado, percebido, sentido e disseminado a partir de premissas e horizontes políticos e epistemológicos. Horizontes esses que têm na corporeidade, afetividade e subjetividade uma forma de validação do conhecimento, sendo um dos fundamentos que orienta a ação e do fazer intelectual-mental.

Algumas perguntas orientaram o processo de investigação: De que forma o pensamento de Lélia Gonzalez é apresentado e referenciado entre estudantes universitários? Quais são as principais contribuições da autora evocadas por esses/essas estudantes? Como tais contribuições são trabalhadas no contexto acadêmico? Qual a relevância e espaço que o pensamento e obra da autora alcança atualmente dentro da universidade? Em que medida suas contribuições oferecem novas possibilidades para pensar, sentir e agir sobre a realidade e sobre si mesmos/mesmas?

Para dialogar, responder e dar sustento analítico aos dados obtidos na pesquisa, me amparo nas discussões teóricas que concebem as perspectivas contra-coloniais e de uma teoria social construída a partir da perspectiva negra. Objetiva-se, com isso, fundamentar os projetos sócio-históricos em torno da produção de conhecimento, as práticas simbólicas e práticas de negação, invisibilização e epistemicídio que sondam as contribuições dos povos racializados. E, ao mesmo tempo, dimensionar as re-existências e resistências empenhadas pelas epistemologias e saberes afrodiáspóricos contra mecanismos de apagamento e epistemicídio das produções e saberes não-hegemônicos (GONZALEZ, 2020; BERNARDINO-COSTA, 2018; GROSFUGUEL, 2016; SANTOS, 2015; FIGUEIREDO, 2020; COLLINS, 2019; CARDOSO, 2012).

Buscando compreender a recepção, apropriação e circulação do pensamento de Lélia Gonzalez, o presente artigo se baseia nos relatos de sete estudantes da UNB e UNILA graduandos e pós-graduandos de diferentes áreas do conhecimento. Por meio de roteiros semi-estruturadas e realização de entrevistas em profundidade, visou-se compreender as percepções; o primeiro contato com a obra e conhecimento da autora; quais sentimentos, percepções e visões a leitura e conhecimento da vida e obra da autora evocam.

2 Decolonialidade e contra colonização: projetos epistemológicos e de resistência a partir da perspectiva negra

Epistemologias e ontologias negras e indígenas (re)existem a partir do acolhimento e reconhecimento da pluriversalidade dos conhecimentos e das formas de produzi-los (BERNARDINO-COSTA; GROSFUGUEL, 2018). Essas perspectivas sempre estiveram em confronto as narrativas e práticas eurocêntricas que operam historicamente com base na pretensão de tornar a experiência branca, burguesa e patriarcal a única experiência e lócus de enunciação legítimos para produção de conhecimento.

Segundo Grosfoguel (2016), a estrutura do conhecimento ocidental é sustentada por um mito fundacional que apregoa a pretensa superioridade eurocêntrica do “homem racional”. Para ele, as estruturas de conhecimento coloniais-modernas emergem a partir dessa epistemologia originária, e segue sustentando modelo de universidade e de conhecimento que experimentamos hoje. As bases do pensamento ocidental aspiram a universalização baseada em um corpo-mente específico (o do homem branco estadunidense e europeu, burguês, heteropatriarcal e cristão), considerado capaz de ser neutro, imparcial, objetivo e racional.

A inquietação que guia o autor é a de tentar entender o porquê de homens oriundos especificamente de cinco países da Europa serem os únicos a ditar ao mundo inteiro como se faz e qual é a forma de conhecimento válida. Para ele, esses homens experimentaram e disseminaram a premissa do privilégio epistêmico, através do monopólio do conhecimento como algo uno e universal e pela inferiorização de todas as outras formas de conhecimento, cosmovisões e saberes. Assim, “O privilégio e a inferioridade epistêmica são dois lados da mesma moeda. A moeda é chamada de racismo/sexismo, na qual uma face se considera superior e a outra inferior” (GROSFUGUEL, 2016, p. 27). É, uma epistemologia caracterizada, assim, por ser sexista e racista ao mesmo tempo ao passo que inferioriza e nega todas as outras formas de conhecimento.

Grosfoguel inicia pela filosofia cartesiana para compreender o que ele define como “quatro formas de genocídio/epistemicídio” constituintes da estrutura da universidade ocidentalizada. O pilar epistemológico e ontológico desse projeto de dominação tem origens na premissa cartesiana do “penso, logo existo”, que, ao estruturar a cisão entre mente e corpo, dotando a mente da proximidade à “visão do olho de deus”, determinou ontologicamente a forma mais

crível de se chegar ao conhecimento. Despolitizava-se o corpo que enuncia, ao focar na “consciência” ou mente como uma substância intangível e divina profundamente racional.

A outra premissa disseminada no cartesianismo foi a de determinar que esse conhecimento é realizado em um monólogo interno e individual, sendo, pois, um conhecimento sem lugar, fora das relações humanas, enunciado por essa mente supostamente superior (GROSFOGUEL, 2016). Em diálogo com o filósofo Henrique Dussel, Grosfoguel argumenta que o pensamento cartesiano é a precondição para as quatro formas de genocídio/epistemicídio ocorridas ao longo do século XVI:

O que conecta o “conquisto, logo existo” (Ego Conquiro) com o idolátrico “penso, logo existo” (Ego cogito) é o racismo/sexismo epistêmico produzido pelo “extermino, logo existo” (Ego extermino). É a lógica conjunta do genocídio/epistemicídio que serve de mediação entre o “conquisto” e o racismo/sexismo epistêmico do “penso” como novo fundamento do conhecimento do mundo moderno e colonial. O Ego extermino é a condição sócio-histórica estrutural que faz possível a conexão entre o Ego Conquiro e o Ego cogito (GROSFOGUEL, 2016, p. 31)

De acordo Lélia Gonzalez (2020), todo arsenal de classificação remonta à divisão estabelecida na ciência entre sujeito e objeto, que pretendeu conceber esse sujeito como sendo naturalmente o homem branco, ocidental, branco, e tudo que não o é fica do lado do objeto a ser vasculhado, explorado, examinado. Nisso consiste o processo de desumanização que engendrou a objetificação da cultura e da pessoa negra pelo racismo científico, atingindo de modo específico mulheres negras.

Excluídos[as] da condição de sujeitos sociais, suas habilidades intelectuais para produzir conhecimento e participar ativamente do fazer histórico foram negadas. Esse discurso afetou profundamente as mulheres colonizadas, em função da complexidade das intervenções que lhes sequestraram a humanidade (CARDOSO, 2017, p. 1).

O que permite entender que a existência do “racismo gendrado” confere historicamente à vida da mulher negra uma combinação perversa da experiência do racismo articulado ao sexismo e outras opressões interconectadas.

As epistemologias formuladas a partir da perspectiva negra feminista e de mulheres negras promovem saltos qualitativos nas análises sociais, ao estabelecer o entendimento estrutural e estruturante de raça e gênero e suas articulações. As propostas e atuações de mulheres negras têm se reafirmado contra a pretensão de superioridade do pensamento hegemônico – branco, elitista e andocêntrico – como também contra a mera incorporação de suas experiências de gênero nas narrativas feministas de mulheres brancas, e das experiências de raça nas narrativas da intelectualidade e do movimento negro, forjadas geralmente a partir e para o masculino (GONZALEZ, 2021; CARDOSO, 2012).

Em diferentes partes do globo, a luta e agência de mulheres e movimentos feministas emergem sócio historicamente, se enunciando de diferentes formas e a partir de diferentes experiências corpolíticas, em busca da superação da lógica sexista, racista, heterossexista e patriarcal que regem as estruturas de poder. Constroem, diante seus próprios projetos de sociedade e de comunalidades, a superação das narrativas e práticas sobre seus corpos, que têm historicamente as subjugado e subalternizado, demandando a autonomia sobre suas próprias vidas e a reafirmação de suas próprias vozes no embate político-social e epistemológico.

Patrícia Hill Collins (2019), socióloga estadunidense, é uma das pensadoras negras que tem se debruçado sobre os caminhos de afirmação teórica de uma Epistemologia Feminista Negra. Para ela, as feministas negras e suas propostas teórico-políticas se fazem tendo como horizonte o projeto de atuação preocupado com a mulher negra e ao modo como as múltiplas formas de opressão – de raça, gênero, classe, sexualidade etc. – afetam a experiência dessa mulher em específico.

Collins (2019) propõe ainda que a perspectiva feminista negra se faz pela radicalidade do conhecimento situado, calcado na experiência e afirmação corpórea e subjetiva, mental, emocional, comunitária e ancestral. E se afirma por meio de uma sabedoria coletiva pautada pela ética do cuidado, da empatia e do diálogo para a construção e validação do conhecimento tendo em vista critérios que são distintos dos tradicionais. Possibilitando o combate aos padrões enrijecidos e fixos de produzir conhecimento.

A epistemologia feminista negra é fundamentada por uma base experimental e material, a saber experiências coletivas e visões de mundo correspondentes que as mulheres negras estadunidenses consolidaram a partir de sua história peculiar. As condições históricas de trabalho das mulheres negras, tanto na sociedade quanto no exercício do trabalho remunerado, ensejaram uma série de experiências que, uma vez compartilhadas e transmitidas, conformaram a sabedoria coletiva do ponto de vista das mulheres negras” (COLLINS, 2018, p. 147)

Em uma sociedade em que a raça, gênero e classe sustentam suas bases, em decorrência dos processos sócio-históricos de colonização e escravização, transpassados e constantemente atualizados na lógica do capitalismo, as populações racializadas – principalmente negros e indígenas – resistem cotidianamente. Sob múltiplas estratégias e experiências resistem para garantir pluralidade de experiências, cosmovisões, culturas.

Em confluência e para além das resistências se colocam no mundo acadêmico, a intelectualidade, o ativismo e as diversas formas de conhecimento e cosmovisão das populações negras, indígenas, quilombolas manifestam forças políticas, epistemológicas e ontológicas – entre outras dimensões, atuam historicamente para a justiça social e cognitiva.

Em contrassenso à pretensão de universalidade, descorporificação e objetividade do pensamento eurocêntrico Bernardino-Costa (2018) compreende que a intelectualidade negra se faz pela afirmação ontológica e epistemológica, compreendendo que “para o pensamento negro a evocação do lugar de fala e da experiência vivida torna-se um dos critérios de validade do conhecimento, bem como uma estratégia de construção de solidariedade” (BERNARDINO-COSTA, 2018, p. 126).

Antonio Bispo dos Santos (2015) indica a necessidade de compreensão e coexistência das múltiplas formas de conhecimento e saberes que são transmitidos sobretudo pela oralidade e pela experiência coletiva, em respeito à terra, às florestas e as dimensões espirituais. Para o autor e liderança quilombola, as tradições afropindorâmicas e suas expressões de vida são *biointerativas* – na medida em que o conhecimento, a cultura, as formas de produção e reprodução da vida e o mundo espiritual confluem – se erigem em respeito aos ciclos orgânicos da natureza e seus ciclos, a solidariedade e compartilhamento. Na contrapartida da acumulação, lucro, sinteticidade da cultura racista e capitalista.

Cabe ressaltar que as propostas de contra-colonização e decolonialidade concebidas e praticadas a partir da perspectiva negra não propõem a mera reposição de hegemonia de uma epistemologia, conhecimento ou saber por outra. Para Antonio Bispo é necessário preconizar a coexistência e confluência entre os diferentes povos, culturas e saberes, para recuperar existências apagadas pela narrativa colonial de conhecimento. Não é negar o papel de relevância do conhecimento ocidental europeu, é retirá-lo de sua prepotência racista e colonial de se pensar como única metodologia, epistemologia e cultura possível para produzir conhecimento científico válido.

Finalmente, compreende-se que contribuições da intelectualidade negra, constroem uma gama reflexões e pensamentos pautados na experiência, no ativismo e na atividade intelectual, e que possibilitam dentro e fora dos espaços acadêmicos a afirmação da integridade e a recuperação de todas as dimensões da humanidade vilipendiada pelo projeto colonial e racista: as dimensões subjetivas, afetivas, espirituais, culturais, estéticas, mentais.

3 Lélia Gonzalez: (re)existência teórico-político-afetiva entre estudantes universitárias/os

Para os propósitos deste trabalho, apresento detidamente a análise dos dados resultantes as entrevistas em profundidade com estudantes da UnB e da UNILA, com a finalidade de compreender os sentidos e significados da apropriação e da presença da intelectual Lélia Gonzalez nesses contextos. Em alguns momentos mobilizo também, respostas às questões abertas ao questionário aplicado na primeira etapa da pesquisa, por meio do *Google Forms*.

As entrevistas foram realizadas entre março e junho de 2020, inteiramente de modo remoto, ou seja, pelos recursos digitais online e da internet. A princípio o levantamento de dados por meio dos questionários e

entrevistas em profundidade seriam realizadas de modo presencial. No entanto, devido ao contexto de pandemia global ocasionado pela COVID-19, medidas sanitárias e de saúde pública, como distanciamento social e confinamento foram estabelecidas para controle da crise pandêmica, inviabilizando qualquer atividade presencial. O perfil dos/as estudantes entrevistados/as está detalhado no Quadro 1:

Quadro 1. Perfil dos/as estudantes entrevistados

Pseudônimo	Idade	Raça / Cor	Gênero	Escolaridade	Curso	Instituição
Luiza	25	Preta	Mulher Cisgênero	Graduação incompleta	Jornalismo	UNB
Dandara	28	Preta	Mulher Cisgênero	Graduação incompleta	Antropologia	UNILA
Eduardo	20	Preta	Homem Cisgênero	Graduação completa	Relações Internacionais	UNB
Jorge	23	Parda	Homem Cisgênero	Graduação incompleta	Ciências Sociais	UNB
Ailton	29	Indígena	Homem Cisgênero	Pós-graduação	Mestrado Interdisciplinar	UNILA
Janaína	23	Branca	Não-Binário	Graduação incompleta	Física	UNB
Manoel	26	Branca	Homem Cisgênero	Graduação completa	História	UNB

4 A presença do pensamento de Lélia Gonzalez no contexto acadêmico

Em pesquisa sobre os legados e presença de Lélia Gonzalez entre militantes e pesquisadoras feministas negras, Dione de Oliveira Moura e Tânia Mara Campos de Almeida (2020) abordam, a partir do conceito de “vigilância comemorativa”, as estratégias de combate ao apagamento e esquecimento de intelectuais negras como Lélia Gonzalez, empenhadas por diversos setores da sociedade, em especial pelas feministas negras.

Sob os efeitos do racismo epistêmico e *epistemicídio*, praticados desde a lógica eurocêntrica de conhecimento, a vasta contribuição de autoras como Lélia Gonzalez é historicamente invisibilizada e sofre tentativas de destituição de sua legitimidade e importância para a ampliação do conhecimento.

No entanto, entende-se aqui que essa invisibilidade e apagamento engendram-se exclusivamente a partir do projeto eurocêntrico de sociedade e de conhecimento, calcado na violência epistêmica aos saberes, produções e contribuições de povos racializados. A revelia desse projeto, as agências, as pulsões artísticas, culturais, intelectuais e a amplitude de projetos da população negra afro-diaspórica (re)existem historicamente possibilitando e fazendo florescer a construção de mundos outros e possíveis, não permitindo que esse projeto se concretize.

Não devemos retirar do horizonte a re-existência dessa autora, em primeiro lugar pela qualidade e magnitude de seu pensamento, e, em segundo lugar pelos efeitos das sementes que ela mesmo plantou, viu germinar e dos quais colhemos os frutos. É através, principalmente, dos esforços dos movimentos que a autora ajudou a construir, o Movimento Negro e do insurgente Movimento de Mulheres Negras e do Feminismo Negro, que ela tem sido requisitada como referência fundamental para uma melhor compreensão do racismo, e da articulação das dimensões de gênero e raça.

Para Barreto (2005), não é possível pensar na rearticulação do Movimento Negro Brasileiro sem passar pela trajetória e pelas conquistas políticas e teóricas de Lélia Gonzalez. Além disso, cumpre sua importância no contexto do ensino superior brasileiro o aumento da juventude negra nas fileiras universitárias, proveniente dos efeitos das políticas de cotas sociais e raciais instituídas a partir dos anos 2000, bem como os esforços de docentes e pesquisadoras negras e não-negras nas universidades e na educação básica.

Nas conversas realizadas na forma de entrevistas para a pesquisa, as e os estudantes destacam esse contexto sócio-histórico em que a contribuição de intelectuais negras está resistentemente sendo resgatada e reafirmada, não sendo possível alegar que o legado da intelectual Lélia Gonzalez está destituído da sua importância teórica e histórica. Quando questiono como as/os interlocutoras/es percebem a presença ou ausência de Lélia Gonzalez no cenário acadêmico intelectual:

***Jorge:** Tem sido passos graduais, mas que me parecem ser passos firmes. A intelectualidade negra ela tem sido mais evidente. Talvez isso soa clichê, mas tem muito a ver com o que a gente tem vivenciado hoje né pela evolução dos meios de comunicação, tecnologia, internet etc., a gente consegue ter muito mais contato com esses intelectuais, né. Só que ainda assim, a gente vive uma dicotomia, ao mesmo tempo que a gente tem o poder de acesso e o poder de busca, a gente entra em um questionamento de que muitos intelectuais negros são apagados né. E isso dentro da universidade fica nítido né. Sei lá, em um terceiro semestre de um curso de humanas que você vai tratar sobre gênero e violência sobre a população negra e as pessoas nunca ouviram falar da Lélia. Então tem muito essa questão de não ter no ambiente acadêmico esse interesse em ressaltar a importância, e é um desinteresse das pessoas brancas né, porque pessoas negras, pelo menos em grande parte, pessoas que estão envolvidas em debates da causa estão sempre exaltando e colocando em destaque pessoas como a Lélia. Então eu acredito que estamos nessa dicotomia: ao mesmo tempo que estamos alcançando posições de mais destaque, ainda vivenciamos esse apagamento né.*

***Manoel:** Apesar de já ter conhecido ela na graduação, mas foi muito pouco, e isso me assustou quando eu conheci a obra dela, o porquê da gente não estudar mais na graduação, eu cursei história e casa muito né, apesar de não ser a área da Lélia, mas a contribuição que ela teve contribui muito para as minhas reflexões históricas hoje.*

Uma questão posta no questionário buscou investigar a percepção das/dos respondentes sobre a acessibilidade ou não a textos ou outros materiais de Lélia ou sobre ela. A questão demandava respostas abertas e se fez da seguinte maneira: *Se você respondeu positivamente a se já teve contato com a produção intelectual de Lélia Gonzalez, considera que foi fácil ter acesso e ser apresentada(o) a essa produção?* As respostas a essa pergunta indicaram dificuldades e questionamentos sobre ausência das obras e textos da autora em disciplinas e programas obrigatórios na universidade, especialmente os das ciências sociais.

Reafirmando mais uma vez a relevância dada a essa autora por essas/es estudantes, que, ao conhecê-la e acessarem suas contribuições, criticam contundentemente sua invisibilização no cenário acadêmico das salas de aula e programas de ensino, ainda fortemente refratários à inserção de intelectuais negras.

Nesse cenário, foi percebido também a importância desempenhada por coletivos, em disciplinas ofertadas como módulo livre, que não entram na grade curricular obrigatória dos cursos, comunidades de estudantes, movimentos sociais, ambientes “for a das salas de aula” como principais meios nos quais o pensamento da autora é debatido e apresentado.

Luana: *Não foi fácil ter acesso as obras de Lélia Gonzales, após 4 semestres dentro da UnB eu finalmente tive acesso quando me matriculei para fazer Pensamento Negro Contemporâneo. Como historiadora e pertencente à área de humanidades, eu consigo enxergar várias disciplinas obrigatórias que deveriam ter Lélia Gonzalez como leitura obrigatória*

Isabel: *Só entrei em contato através de colegas militantes, nunca formalmente na Academia.*

Joana: *Em todas as ocasiões isso ocorreu em espaços auto-organizados de pessoas negras (como coletivos e grupos de estudos), em disciplinas com temática racial, ministradas por professores negros (como Pensamento Negro Contemporâneo com Ana Flauzina e a PAD de Direito e Relações Raciais, como aluna e professora; Sociologia das Relações Raciais no mestrado com Joaze Bernardino-Costa). Ou nós, mulheres negras, levávamos textos da autora para espaços institucionais mistos (como o PET Direito, na graduação).*

Jorge: *Não. pois eu só tive acesso porque eu peguei uma matéria específica do serviço social chamada Gênero, Raça/Etnia e Políticas Sociais que era optativa, então eu só tive acesso porque de fato fui atrás de uma matéria que tratasse das temáticas de gênero e raça.*

Nina: *É relativamente fácil, especialmente em sociologia, ouvir menções à Lélia Gonzalez, mas ela não está nas nossas ementas e quando se fala dela é de uma forma muito simplista, me parece. "Foi uma feminista negra muito importante" e pronto, não costuma passar muito disso, dentro das minhas convivências.*

Luiza: *Eu tive contato com a produção de Lélia por meio das disciplinas sobre relações raciais na universidade. Se não fosse isso acredito que teria me formado sem conhecer Lélia.*

Esses/as estudantes que acessam o ensino superior questionam os programas de curso com referências totalmente brancas e eurocêntricas e demandam a inserção das relevantes contribuições de intelectuais negras. Evidentemente, essa demanda tem encontrado algum nível de acolhimento de docentes – especialmente pelas os/as docentes negras/os – bem como nos espaços institucionais e pedagógicos sensíveis e abertos à perspectiva racial. De acordo com Figueiredo (2020):

O ingresso de estudantes negras e negros, de estudantes de camadas tradicionais e de camadas populares nas universidades tem alterado as agendas de investigação/pesquisa, uma vez que a maioria d@s estudantes elege temas próximos, muitas vezes relacionados ao próprio cotidiano - correlação entre experiência de vida, experiência profissional e escolha do tema de pesquisa (FIGUEIREDO, 2020, p. 253).

Notou-se que é bastante expressivo o papel dos ambientes aquém das salas de aula universitárias, uma vez que estas, como espaços institucionais, se mostram mais refratárias à apropriação e reconhecimento de intelectuais negras como Lélia, reforçando o conservadorismo epistêmico (GROSFOGUEL, 2016). Diante disso, o papel de grupos de estudo auto organizados, coletivos estudantis e disciplinas chamadas módulo livre são os principais locais evocados como determinantes para afirmação do pensamento de Gonzalez.

Em confluência a esses dados, destaco como importantes conquistas atuais no tocante à disseminação e reconhecimento e combate ao esquecimento (MOURA; ALMEIDA, 2020) do legado de Lélia Gonzalez as duas recentes publicações com a maior parte das contribuições escritas da autora, até então de difícil acesso: o livro *Lélia Gonzalez: Primavera para as rosas negras* uma coletânea inédita, publicada em 2018 de forma autônoma, pela *Editora Filhos da África* do *União dos coletivos PanAfricanistas* Outro livro, recentemente lançado em novembro de 2020, intitulado "*Lélia Gonzalez. Por um Feminismo Afro Latino Americano*" organizado pelas sociólogas Flavia Rios e Marcia Lima e comercializado pela Editora Zahar. Além disso, em 2008 os autores Alex Ratts e Flavia Rio lançaram a biografia de Lélia Gonzalez. Diversos eventos, seminários, congressos, grupos de estudos e projetos têm alavancado homenagens à Lélia Gonzalez. Entre eles destaco aqui Projeto Memória *Lélia Gonzalez: o feminismo negro no palco da história*, desenvolvido na Fundação Banco do Brasil. A Fundação contou com a parceria da organização não-governamental e feminista Rede de Desenvolvimento Humano para a realização de pesquisa qualitativa e elaboração dos cinco materiais, são eles: livro fotográfico, vídeo documentário (DVD), almanaque histórico, site e exposição itinerante (CEVA, 2015).

Tais iniciativas, empenhos, esforços e re-existências em diversos setores, inclusive na academia por estudantes e docentes, têm logrado êxito na fluência e combate ao esquecimento da vida e obra de Lélia Gonzalez, como bem sinalizou Eduardo:

Eduardo: Eu acredito que a Lélia tem um potencial muito grande a ser explorado. Muitas vezes elas não fluem né, porque, enfim, são textos que têm que ser digitalizados né, e não muito da produção dela, eu tive contato com alguns discursos dela, que as pessoas citam e a gente não consegue achar ... eu acho que ainda tem uma potência muito grande, eu acho que ainda não foi utilizado em tudo que o pensamento dela pode oferecer. Mas de alguma forma eu acredito que a gente tem conseguido utilizar ela o máximo possível.

5 Amefricanizando a universidade ²

Todas as/os estudantes com quem estabeleci diálogos na fase de entrevista demonstraram interesse e reverência à pessoa e ao pensamento de Lélia Gonzalez. Avalio, a partir das narrativas evocadas por eles/as que a apropriação da autora não se dá de forma meramente mental e intelectual. Ao contrário, percebe-se um encontro, atravessado também por afetos, por trocas e compartilhamentos que transcendem limites de uma zapropriação unilateralmente “racional” como preconizado por setores conservadores da produção de conhecimento.

Para Gomes (2018), é principalmente o Movimento Negro, a intelectualidade negra que tem representado dentro do campo das Ciências Sociais e Humanas uma das responsáveis pela descolonização dos currículos e do conhecimento no Brasil, para que contemplem a diversidade de estudantes, especialmente negros/as e indígenas. Na análise das entrevistas, o pensamento de Lélia emerge como referência teórica e política, para além das paredes da sala de aula tradicional. Ela é indicada na construção de programas de curso efetivamente mais diversos; como teoria e sustentação político epistemológica e pedagógica de grupos de estudos e coletivos estudantis dentro e fora da universidade. Quando questiono em que momento se deu o primeiro contato com a contribuição de Lélia, sinalizam para a multiplicidade lugares onde sua presença e resistência têm se afirmado, sobretudo para além das estruturas enrijecidas da sala de aula.

O movimento parece ser inverso ao que se espera, a intelectualidade negra insurge de fora – do ativismo dos movimentos sociais, das resistências de jovens negros, periféricos – para dentro da academia.

De modo elucidativo, Eduardo rememora a relevância do coletivo estudantil construído por estudantes do curso de Relações Internacionais da UnB, segundo ele o primeiro coletivo voltado para a perspectiva racial e afrocentrada naquele espaço. É nesse ambiente de resistência que o entrevistado conduz seu fio narrativo sobre o primeiro contato com a figura e

² Subtítulo inspirado no artigo “Amefricanizando o Feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez” de Claudia Pons Cardoso (2014).

obra de Lélia Gonzalez, possibilitado pelas fundadoras do coletivo que ele viria a compor:

***Eduardo:** E no LACRI [Laboratório de Estudos Afrocentrados em Relações Internacionais] no começo de cada semestre a gente escolhe um tema para gente se aprofundar no decorrer do semestre. Aí teve um determinado semestre, não lembro se o segundo ou o terceiro, mas foi bem os primeiros, quando eu estava começando, a gente estava discutindo sobre solidariedade antirracista aí surgiu esse tema do afro-indigenismo. Aí uma das fundadoras, propôs esse texto da Categoria político-social da amefricanidade. E aí foi a primeira vez que eu peguei o texto ... ela falou mais do texto do que da autora. E aí eu me lembro da nossa reação, do laboratório como um todo de pegar o texto ler e dizer tipo assim “nossa isso daqui é relações internacionais” (risos). Como é que a gente não estuda isso daqui no nosso conteúdo, do curso? Como a gente não tem um grupo de leitura para isso se isso é relações internacionais? Então foi aí que eu conheci Lélia, me apresentei, na verdade, à Lélia, e foi aí que eu fui buscar mais coisas sobre ela.*

No tocante às contribuições teóricas da autora, as/os entrevistadas/os destacam a forma como o pensamento e as contribuições são articuladas. Em primeiro lugar consideram a linguagem e a forma como a autora se comunica através dos textos e de suas falas e como as impactaram:

***Luiza:** E me impactou bastante a linguagem, o jeito que ela escreve. Não é uma linguagem que estamos acostumadas na academia, mas que não deixa de ser incrível, e isso me chamou atenção. Me cativou.*

***Dandara:** Me identifiquei extremamente com a linguagem dela, a forma da escrita dela simples. E é isso por mais que ela estivesse nesse espaço ela entendia que ela não precisava falar da forma que esse espaço queria que ela falasse. Ela não perdeu a autenticidade dela, ela não perdeu a linguagem a cultura dela. Existem relatos dela ir apresentar uma conferência e ela iniciar a fala dela cantando um samba.*

***Janaína:** A questão da linguagem da Lélia também eu acho assim, sei lá, sem explicação, porque ela quer comunicar a todos, né. Ela não quer simplesmente tornar aquela teoria abstrata a ponto de uma pessoa proletarizada não entender aquilo que ela quer falar. Muito pelo contrário, era essa a direção dela, então é totalmente humanista, e isso foi decisivo e muito simbólico pra mim até hoje.*

Reforça-se com isso, a percepção da linguagem adotada por Lélia como uma forma de contestar e de subverter o imperativo que vigora no contexto intelectual acadêmico, que se baseia em linguagens e códigos complicados que funcionam para dificultar a compreensão e para satisfação de um eruditismo, mais do que para informar e comunicar. Ao analisar a forma como a escrita da autora se configura, Rios e Lima (2020) afirmam:

Nesses escritos, seu vasto conhecimento humanista não cede lugar para uma escrita truncada, hermética e, portanto, restrita a poucos leitores. Lélia tem uma elaboração textual fina, às vezes repleta de ironias, por vezes mesclada de ortografia formal com a língua falada, um misto de coloquialismo e erudição (p. 09)

Outro aspecto que se sobressaiu na percepção da autora foi a amplitude do pensamento de Gonzalez. Pensamento esse calcado na transdisciplinaridade concebendo uma tessitura complexa de reflexões que congregam a experiência, o ponto de vista e a análise da realidade no âmbito da teoria (COLLINS, 2018; GOMES, 2018; BERNARDINO-COSTA, 2018).

Eduardo: *Cada vez que eu entro em contato de novo com o texto da Lélia, me assusta muito como a Lélia consegue se engajar em uma discussão com a gente dentro do texto. Ela escreve de uma forma que ela rompe essas barreiras dessas disciplinas acadêmicas [...] e ela pega conhecimentos de várias áreas de conhecimento e entrega uma coisa para gente que é quase um coringa, você pode utilizar e enriquecer o seu conhecimento em qualquer área, utilizando o conhecimento de Lélia.*

Uma das últimas questões do roteiro de entrevista buscava saber quais eram as categorias, conceitos ou textos de Lélia Gonzalez que mais as impactavam ou que era de maior interesse para a/o estudante. De modo geral, essa apropriação do pensamento da autora se direcionou às suas principais contribuições.

A contribuição da autora a partir da psicanálise teve especial destaque. A maioria das formulações evocadas nos relatos dos/as estudantes estão presentes no texto “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira” (GONZALEZ, 2020). Ao partir da psicanálise, fundamenta o *Pretuguês* – o português africanizado pela mãe preta desde as ruínas da casa-grande. Aborda também a dialética de *memória e consciência*, sendo a memória aqui entendida mais como o lado inconsciente, que traz à tona o que a consciência quer denegar, esquecer e encobrir, nesse sentido operaria a *neurose cultural brasileira* e a sua base o racismo por denegação.

Eduardo: *Quando ela fala sobre Pretuguês também me interessa bastante, porque eu estou fazendo agora introdução à linguística, porque sempre fiquei muito encucado sobre essa questão de como a língua carrega uma epistemologia, ela cita o Asante né. Então de alguma forma quando a gente vai falar de nós mesmos, entender que a gente é dono dessa língua e se apropriar dela. A gente tem formas de falar da gente mesmo, sobre coisas que as vezes transcendem a academia e o português. Então o pretuguês me impactou bastante.*

Manoel: *E aí, o conceito de pretuguês, de a neurose cultural brasileira, que tem como um dos expoentes maiores o racismo, segundo ela mesma e a amefricanidade, foram conceitos que me chamaram muita atenção, que me ajudaram a entender determinadas coisas que faltavam na minha leitura histórica daquilo que eu estava estudando.*

Luiza: *Eu gosto muito da fala dela sobre consciência e memória... ela fala que a consciência tenta matar nossa memória. E estou usando isso no TCC. Estou colocando a produção cultural como ação da memória. Para não deixar morrer nossa história. Acho isso muito legal e emocionante na obra dela.*

Os estudos da articulação de gênero, raça e classe empenhados por Lélia têm sido interpretados atualmente como um precursor do pensamento interseccional, ainda que o termo não tivesse sido sistematizado à sua época.

Reafirma-se a centralidade das contribuições de Lélia para o contexto do feminismo negro brasileiro e do Movimento de Mulheres Negras para a sustentação e uma tradição de estudos em que a questão racial e de gênero articuladas centralizaram a questão da realidade da mulher negra (RIOS; REGIMIERE, 2018; RATTS, 2016). O que ecoa também com a fala de Lucas:

Jorge: Essa noção da interseccionalidade me chamou muita atenção. Aí você me corrige se eu estiver errado. Quando ela fala sobre essa visão da interseccionalidade, ela traz uma visão da mulher negra. E quando a gente vai pensar em um outro feminismo, a gente percebe um feminismo que não pensa a experiência da mulher negra. Então o primeiro ponto que eu gostei bastante é esse, que eu conversei com minhas amigas, amigos etc.

Por fim, foi amplo o reconhecimento da categoria epistemológica da *amefricanidade* (GONZALEZ, 2020; CARDOSO, 2012), sendo percebida como importante chave de leitura para compreender os mais variados temas e a realidade brasileira e *ladino-amefricana*. Especialmente os/as estudantes negros/as enaltecem o pensamento de Lélia Gonzalez, ao formular a categoria de *amefricanidade*:

Eduardo: A amefricanidade me impactou muito no estudo do meu curso principalmente, a validade é indiscutível. Até mesmo quando a gente apresenta para os professores, a gente conseguiu colocar esse texto em algumas matérias, Teorias das Relações Internacionais 2, que aborda matérias não heterodoxas digamos assim. Colocamos uma matéria dentro do curso também para ser ofertada que aborda uma série de coisas que Lélia também fala.

Dandara: Eu gosto da categoria sociopolítica da amefricanidade, porque é uma forma que ela... Ela era malandra, né? Embora ela estivesse nesse espaço da academia, ela usava como um espaço de disputa. E ela se utilizar dessa categoria de amefricanidade nesse espaço foi uma estratégia tão sagaz. Que é você colocar África no meio disso, é tipo assim "oh não se esqueça da nossa maior referência" que a gente tem aqui. Nós povos pretos aqui nesse continente, nesse continente que é um continente latino-americano, mas que tem muito de África.

Em diálogo com as narrativas evocadas, pode-se dizer que tal como a mãe preta teria africanizado o Brasil por meio da criação e disseminação da linguagem (GONZALEZ, 2020), Lélia *amefricaniza* a academia, ao construir e oferecer uma epistemologia própria para pensar e entende a experiência ladino-amefricana, resgatando em África as bases da nossa agencialidade histórica e cultural.

6 Lélia Gonzalez mobilizando afetos, re-existências e pertencimentos: a teoria como espelho, acolhimento e porta de entrada para visões e possibilidades de mundo

É preciso imagem para recuperar a identidade, tem que tornar-se visível, porque o rosto de um é o reflexo do outro, o corpo de um é o reflexo do outro e em cada um o reflexo de todos os corpos. A invisibilidade está na raiz da perda da identidade, então eu conto a minha experiência em não ver Zumbi, que para mim era o herói. **Beatriz Nascimento** (ÔRI, 1989).

Com a devida reverência a Beatriz Nascimento, historiadora, artista e poeta brasileira, peço permissão para tomar como ponto de partida esse fragmento do filme documentário *Ôri*, dirigido e produzido por ela e Raquel Gerber. Sob uma narrativa poética e artística, recobra através do audiovisual, essa imagem perdida e vilipendiada no processo colonial e escravista, representando a beleza, a potência e a magnitude da corporeidade, da territorialidade, da cultura e expressões dos povos *amefricanos*, para citar Lélia Gonzalez.

Refletindo sobre a perda da imagem pelos processos de apagamento, violência e encobrimento da história e das resistências negras, tenho especial interesse quando ela fala “A invisibilidade está na raiz da perda da identidade, então eu conto a minha experiência em não ver Zumbi, que para mim era o herói” (NASCIMENTO, 1989). As/ Os estudantes com quem estabeleci diálogos e trocas no decorrer da fase de entrevistas me guiaram para essa experiência de não ver, e dos seus processos de passar a ver Lélia Gonzalez. De se apresentarem e serem apresentados/as à essa “amazona que traz no torço a esperança” (DANIEL, *apud* BAIROS, 1999) e traz também novas formas de ver, perceber e agir sobre o mundo, para transformá-lo.

Tratam essa experiência de não ver e passar a ver, sentir, ler, ouvir Lélia Gonzalez e outras intelectuais negras como um encontro, como um ritual de imersão naquilo que estava sendo invisibilizado e encoberto pelo “véu ideológico do racismo” (GONZALEZ, 2020); como uma porta de entrada para visões, estruturas e pensamentos de mundo possibilitadas pelo conhecimento, pela memória e pela oralidade. Tais percepções e sensações foram evocadas de modo especial pelas/os estudantes negras/os. Quando questiono em qual momento tiveram o primeiro contato com o pensamento de Lélia, bem como o que esse encontro significou e como as impactou as respostas indicam os pertencimentos, afetos, emoções e a ampliação do conhecimento.

Luiza: *Eu fiquei maravilhada, primeiro por ela ser uma mulher negra em um campo de estudos que a gente não lê pessoas negras - ainda mais mulhere-segras.*

Jorge: *Primeiramente eu fico muito feliz de ter contato com essa leitura, com essa pessoa Lélia. Ter esse contato com Lélia e a importância dela, a questão até da humanidade, quem foi a Lélia fora do ambiente ativista né [...]. Até, assim, essa inspiração que ela traz enquanto uma pessoa negra você pensar na questão da ascensão e emancipação, dentro de espaços antes limitados para nós né, como a academia, outros espaços de questionamento, como os espaços políticos [...] então traz essa ideia de possibilidades né, de pensar que uma pessoa como ela abriu portas. Então foi uma pessoa que abriu caminhos né? Então pensar na Lélia como uma pessoa que gera possibilidades para nós hoje, né. Em vários aspectos. E não eu fico muito feliz de me sentir, como que eu posso dizer? Capaz digamos assim. Capaz de acessar espaços abertos por Lélia.*

Eduardo: *Quando eu entrei em contato foi realmente um deslumbre assim, foi como se tivesse aberto um clarão assim [...] É uma questão da nossa experiência, com se a gente tivesse encontrado uma referência, como se a gente tivesse perdido isso, e ficava assim "Ah ninguém pensa sobre isso", e "do nada" a gente descobre que tem uma pessoa que está pensando sobre isso a muito tempo.*

Em outros momentos as entrevistadas demarcam também o espanto quando tiveram contato pela primeira vez a autora. Demonstram inconformidade com o apagamento e a ausência de visibilidade dessa autora, questionamento suscitado por Jorge: *"é essa ideia do epistemicídio né, eu fiquei tipo 'caramba, só agora? Por que eu não a conheci antes? Um tema tão pertinente, com temas tão incríveis e que na academia é tão pouco falada"*.

A partir do primeiro contato, as narrativas apresentam Gonzalez, suas falas e textualidades como lugar de pertencimento, de autoconhecimento e transformação de estruturas mentais e subjetivas incrustadas, bem como das que foram negadas. A teoria de autorais como Lélia emergem nas narrativas das entrevistadas/os como espelho que torna possíveis (re)existências ubjetivas, mentais e emocionais. Uma teoria que contempla os corpos, mentes e corações de estudantes negras, diante da pretensão homogeneizadora de currículos embranquecidos e eurocentrados e de espaços marcados pelo racismo institucional (CESAR, 2020).

Nesse sentido, para estudantes negros e negras o encontro com Lélia Gonzalez concebe a possibilidade de novas e outras epistemologias protagonizadas por intelectuais negras, sentidas e percebidas como espelhos, como portais de ingresso para um outro mundo possível. Não somente de resistência à opressão, mas também um universo em que a diversidade e a experiência da pessoa negra, de sua humanidade, são acolhidas, detalhadas e representadas.

Se no processo colonial e racista a humanidade da pessoa negra é violentada sob a pretensão de dominação do colonizador (FANON, 2008), os projetos contra colonização e antirracistas de intelectuais negras e negros desvelam as armadilhas dessa dominação, ao mesmo tempo que recobram a humanidade vilipendiada pelo racismo e sexismo. Pensadoras negras

feministas, ao promoverem rasuras ao cânone da ciência ocidental eurocêntrica, contemplam e tocam experiências íntimas, coletivas e históricas, tal como relatado por Dandara:

***Dandara:** É isso, é esse fazer sentido. E estar dentro desse espaço acadêmico pra mim que sou uma mulher negra, tudo fica muito nesse campo das ideias, nesse campo da razão, quando eu encontro algum autor ou altura que faz sentido é o acontecimento, é o auge. De eu entender sem precisar ficar quebrando a minha cabeça. É eu ler e perceber, nossa é isso que eu sou, isso que eu passo, isso que a minha mãe viveu. É assim que eu penso, é assim que eu acho que é por esse caminho que eu acho que dá para ir. O que fez eu ficar com a Lélia foi esse fazer sentido.*

A conformação deste pensamento, pautadas pelos preceitos da escrita coletivizada de si, do resgate da subjetividade no produzir conhecimento e da centralidade da enunciação das experiências e do lugar de fala indica para os/as estudantes negras caminhos possíveis para um conhecimento e uma ciência que é enunciada e que acolhe a integridade da experiência, de suas subjetividades, suas cosmovisões de mundo e formas de conhecê-lo:

***Jorge:** Eu acho que traz também uma reflexão sobre nós né, sobre a nossa subjetividade, sobre os nossos processos, de se reconhecer com uma pessoa detentora de conhecimento, de intelectualidade né. O que é muito negado pra nós, de várias formas. Essa questão do intelectual, ela é reconhecida pelas pessoas dentro da academia. Então pensar a intelectualidade, o conhecimento, é muito mais que isso né, muito mais que o ambiente acadêmico. Essa produção também se dá fora desse espaço e a Lélia é uma prova disso.*

***Ailton:** Esse contato me fez me ver nelas, e construir esse pertencimento e essa identidade, ao ponto que sair do Nordeste, do sertão central do Ceará, e morar no Sul, também foi importante para também compreender essa questão de ser negro aqui, ser negro lá.*

O protagonismo de intelectuais negras, trabalhos e teorias de mulheres negras rechaçadas na academia, acusadas de não serem eruditas e ou teóricas o suficiente, devido à tendência e potência de partir da experiência, modos outros de comunicação e linguagem acessível, e que não pretendem se despir dos lugares de experiência, subjetividade e tendências políticas. O racismo e sexismo no campo do conhecimento e da academia conferem à vida de estudantes negras especificidades que eu não percebi nas narrativas de outros estudantes. São as narrativas de solidão, tanto no contexto das relações interpessoais e institucionais dentro da universidade, como também abordam sobre uma solidão no campo da teoria, nas referências embranquecidas. Para elas, a possibilidade de acessar ou serem apresentadas ao legado de pensadoras como Lélia Gonzalez amplia seus horizontes e as humaniza. É um contato que acompanha e acolhe dentro da academia, um ambiente muitas vezes inóspito e insensível com as subjetividades e experiências, de modo especial e mais contundente às estudantes negras:

E: Me fala um pouco o que significou, quais foram suas sensações e percepções ao imergir no pensamento de Lélia.

*Luiza: A minha trajetória na universidade foi de muita solidão. Em vários sentidos, na questão das bibliografias que eu não me sentia contemplada em vários momentos. Solidão em relação aos colegas, e esse momento que tive contato com Lélia e de outros autores negros foi um momento que me senti acolhida. Foi muito bom. Foi um acolhimento de fato. **Eu estava lá sozinha, lendo um monte de autor branco, que ainda que falassem de racismo, acho que quando é uma pessoa negra falando é outra coisa. E falando não só de racismo, falando de amefricanidade que eu acho incrível para pensar a sociedade brasileira.** E, se eu não tivesse tido contato nas disciplinas de raça, eu me formaria sem saber da existência da Lélia. E isso é muito grave.*

*Dandara: Significou muita coisa assim né. Porque quando eu entrei na universidade eu tive uma profunda crise de baixa autoestima intelectual. Por conta do meu histórico de ter passado por escolar bastante precárias né, então quando eu entrei na universidade eu me senti muito burra assim, pra mim eu não sabia ler e não sabia escrever assim né. E ainda no curso de antropologia que eu me deparei com autores extremamente racistas, mas que era obrigatório ler esses autores, porque “a antropologia só existe por conta deles”, lamentavelmente inclusive né. Então eu estava pensando se eu ia continuar nesse espaço assim. E aí foi quando eu me deparei com esse texto da Lélia o “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”. Porque é muito especificado assim né, é racismo e sexismo na cultura brasileira, uma mulher preta falando sobre isso. Tipo, falando sobre o nosso contexto, é extremamente situada, extremamente lúcida assim. **Então eu falei “nosso mano, é isso, sabe tenho uma referência e vou me agarrar nessa referência”, não preciso me agarrar em uma referência que não faz parte da minha realidade***

Nesse sentido essas narrativas mobilizadas especialmente pelas estudantes negras indicam a potencialidade da intelectualidade de pensadoras negras feministas ao promoverem outras formas de enunciação, de afirmação a partir de suas próprias experiências e discursos. São recônditos e lugares de re-existência possibilitados pela teoria social de Lélia Gonzalez, que amparam não somente a dimensão teórico intelectual, mas a autoafirmação, a imagem e identidade apagadas ou deturpadas pela noção eurocêntrica de mundo.

E: Quais foram os outros momentos que você teve contato com ela?

Dandara: Depois dessa primeira leitura desse texto eu comecei a carregar esse texto sempre comigo em muitos momentos. Utilizei em trabalhos que eu fiz, utilizei em seminários. Utilizei pra me confortar e me consolar em momentos de crises acadêmicas de novo. E aí eu fui ler outras coisas, li o texto da amefricanidade. Fiz um vídeo poema em que eu cito uma parte desse texto. E é isso Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento são as nossas autoras de maior referência né, dessa década de 1970 e 80 né.

Como detalhado nos capítulos teórico, a perspectiva negra no campo amplia o conhecimento na medida em que estão em suas bases políticas, epistemológicas e culturais o horizonte da pluriversalidade, da diversidade de lócus de enunciação e de modos de produzir conhecimento, cumprindo a função de compor e construir a diversidade epistêmica. Compreende-se que essa perspectiva promove saltos qualitativos para toda a sociedade, áreas e campos

de conhecimento. As e os estudantes brancos com os quais dialoguei reafirmam esse papel de relevância do pensamento de uma intelectual negra em suas realidades e experiências de mundo:

***Janaína:** Eu lembro que foi muito decisivo e muito simbólico pra mim, realmente foi tipo ... **É que a gente vive sob várias óticas, então, é como se eu estivesse ganhando uma ótica, uma outra ótica.** E isso me fez ver o mundo de uma forma totalmente diferente. Me fez entender a pra onde eu estava indo, e porque eu estava indo pra tal lugar né. E esse lugar que eu estava indo, é lógico que ele faz parte de um plano né, a gente vive sob esse plano de conhecimento. Então eu acho que Lélia ela é muito simbólica na minha existência, como pensadora ela realmente contribuiu para eu repensar essa existência, não só a minha, mas de como eu vou lidar com o meu conhecimento e de como eu quero contribuir socialmente né.*

*Mesmo sendo homem branco, tem um texto do Guerreiro Ramos que é "A patologia social do branco brasileiro" que ele faz uns diálogos bem massa com a psicanálise também, e é isso, ele está falando para mim também, a Lélia Gonzalez está falando pra mim também. **A Lélia está falando para a população branca também, acho que é um problema nosso enquanto brancos de assumir essa responsabilidade de ler esses autores negros.** E for a isso, esses autores negros estão contribuindo para a intelectualidade como um todo, porque não existe fronteiras pro conhecimento né [...] **E aí me abriu portas assim de conceitos, mesmo, para entender a realidade, e para me posicionar diante do que estava acontecendo.***

Ao final das entrevistas, como de costume nesses procedimentos, deixo aberto a interlocutora se ela quiser falar algo a mais que eu não perguntei ou que ela acha que pode contribuir. Apenas Eduardo ainda tinha algo pra destacar. E é com a sua fala que indico a finalização desse trabalho:

***Eduardo:** Eu acho que a Lélia não está só na faculdade, ela está no nosso dia a dia, na nossa vida. Então acho que esse caminho seja até melhor, para reconhecer ela não só como intelectual que ela é, mas também como uma pessoa importante para gente, como coletivo.*

Assim como em outros momentos do nosso diálogo, Danilo apontava sempre para a fluência e para a afirmação de Lélia e seu pensamento para as nossas gerações e gerações futuras. Partir da humanidade da pessoa de Lélia Gonzalez, entendendo seu legado não só como intelectual e ativista, mas como pessoa, como bem nos lembrou Daniel, faz parte do projeto de resgate da humanização não somente de si, mas de toda coletividade preconizada pela autora e que desejamos dar continuidade e fluência.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho procurei compreender e analisar como e de que forma o pensamento da intelectual e ativista negra Lélia Gonzalez tem sido apropriado, percebido, referenciado e reconhecido no contexto acadêmico, por novas gerações de jovens estudantes. Em vida, Gonzalez construiu um vasto legado teórico-político, pautado no estabelecimento de pontes e tensões entre o ambiente intelectual-acadêmico e as redes ativistas que compunha. Alçou projetos políticos de sociedade e de conhecimento mais justos, dando

seguimento às agências históricas do povo negro. Gonzalez deixou para as novas gerações outras visões, conhecimentos, formas de conhecer a atuar no mundo. Possibilitou ainda uma ampliação dos desvelamentos do que parecia encoberto pelo racismo e eurocentrismo.

As múltiplas facetas do racismo e sexismo presentes na sociedade e na universidade historicamente tentam invisibilizar, deslegitimar e/ou inferiorizar as constituições intelectuais tecidas a partir da perspectiva negra, e de modo específico de intelectuais negras. Mas, ao contrário do que esse mesmo racismo endêmico da sociedade brasileira quer fazer crer e determinar, esse projeto eurocêntrico de sociedade, de conhecimento, de subjetividade, de humano padrão, não se concretizam, não efetiva os seus objetivos deletérios.

A ampliação e pluralização recobrada por epistemologias negras têm atuado contra os quadros teóricos e institucionais conservadores dentro da academia e da instituição universidade. Nessa perspectiva se insere a contribuição de intelectuais como Lélia Gonzalez, uma das pensadoras mais importantes no pensamento social brasileiro.

Nas últimas décadas, a instituição das cotas raciais e sociais como forma de acesso ao ensino superior têm colorido a universidade de diversidades étnicas e raciais e de origens sociais antes alijadas desse espaço de poder que é a universidade. Constatei que a juventude de estudantes que tem aos poucos acessado o ensino superior brasileiro, sobretudo as/os estudantes negros/as – auto-organizadas, sensíveis e sensibilizadas pelas questões raciais que atravessam seus cotidianos e suas trajetórias – têm insurgido no contexto acadêmico, ecoando as vozes contra o racismo e *epistemicídio*. Têm elevado a voz e feito coro aos movimentos lançados pela militância negra que há muito tempo tem atuado contra a prática e a persistência da invisibilização da produção teórica de intelectuais negros e negras, promovendo, entre outras pautas, a descolonização dos currículos.

Essa juventude compõe e é legatária de amplos movimentos históricos de descolonização e contra-colonização da sociedade e das formas de conhecimento, nos quais Gonzalez teve participação ativa. Nesse segmento, foi possível constatar que a reafirmação do pensamento de Lélia Gonzalez está sendo impulsionada por diversas forças, projetos e tradições que têm combatido as tentativas de invisibilização e encobrimento da relevância de pensadoras negras para a teoria social e para o ativismo na academia.

As narrativas das/dos estudantes entrevistados/as sobre o contato e encontro com a pessoa e o pensamento de Lélia Gonzalez, indicaram pertencimentos e afetos. Apresentaram e resgataram o encontro com a autora e o modo como suas falas e textualidades lhes possibilitaram lugares de pertencimento, de reconhecimento, de autoconhecimento e transformação de estruturas de poder. A teoria de autores/as como Gonzalez emergem nas narrativas das entrevistadas/os como espelho que torna possível (re)existências subjetivas, mentais e emocionais. Uma teoria que contempla os corpos, mentes e corações, diante da pretensão homogeneizadora de currículos e práticas

institucionais embranquecidas e eurocentradas.

Mobilizando a perspectiva e intelectualidade negra, junto às pessoas, colegas estudantes envolvidos nesta pesquisa, percorremos caminhos para traçar a resistência e (re)existência de Lélia Gonzalez em um cenário de resgate epistemológico, político e afetivo da autora na atualidade. Essa pesquisa pretendeu ser uma contribuição aos esforços de manutenção e referência de intelectuais negras. É uma contribuição que espero contribuir para ampliação do conhecimento e possibilitar a continuidade do pensamento, vida e obra de Lélia Gonzalez.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Arivaldo Lima. A legitimação do intelectual negro no meio acadêmico brasileiro: Negação de inferioridade, confronto ou assimilação intelectual?. **Revista Afro-Ásia**, n. 25-26, 2001. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21015>. Acesso em: 20.nov.2020.

ALVES, Míriam Cristiane; ALVES, Alcione Correa Alves. Introdução. In: ALVES, Mirian; ALVES Alcione (org.) In: **Epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas**. 1 ed Porto Alegre: Rede UNIDA, 2020.

BARRETO, Raquel. **Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a raça: Narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez**. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, PUC/Rio, 2005.

_____. Lélia Gonzalez, uma intérprete do Brasil. In: **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal. **Revista Sociedade e Estado**, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/se/v33n1/0102-6992-se-33-01-117.pdf> Acesso em: 02.dez.2020

_____. GROSFOGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado** vol.31 no.1 Brasília jan./abr. 2016.

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. **Revista Estudos Feministas**. v. 22, n. 3, pp. 965-986, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2014000300015 Acesso em: 15.nov.2020.

_____. Por uma epistemologia Feminista negra dos Sul: experiências de mulheres negras e o feminismo negro no Brasil. **Anais Eletrônicos Fazendo Gênero**. Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499452943_ARQUIVO_simposiotextofazendogenero13.pdf . Acesso em: 20 Nov, 2020.

CARNEIRO, Sueli. **A Construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser**. São Paulo: FUESP, 2005.

CESAR, Layla Jorge Teixeira; NETO, Joaquim José Soares. O MESPT e a contra colonização da Universidade: Territórios epistêmicos em disputa. In: **Interethnic@** - Revista de Estudos em Relações Interétnicas, v. 22, 2019.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, N. M. de B.; SCHNEIDER, L. (Org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária UFPB, 2005. Disponível em:

<http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/genero-e-etnia-uma-escrevivencia-de.html>. Acesso em 15.jul.2020

FIGUEIREDO, Ângela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020. Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180312292020e0102>. Acesso em: 10.set.2020.

_____. Descolonização do Conhecimento no Século XXI. In: **Descolonização do conhecimento no contexto Afro-Brasileiro**. Org SANTIAGO; CARVALHO; BARROS; SILVA. Editora UFRB, Cruz das almas, Bahia, 2019.

_____; GROSFOGUEL, Ramon. Racismo à brasileira ou racismo sem racistas: colonialidade do poder e a negação do racismo no espaço universitário. **Revista Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 223-234, jul./dez. 2009.

GERBER, Raquel. Orí. **Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda**, 1989, vídeo (131 min), colorido. Relançado em 2009, em formato digital. Disponível em:

<https://www.facebook.com/uniaodetodasasnacoes/videos/1878768139068550/>. Acesso em: 25 nov. 2019.

GOMES, Nilma Lino. O movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, J.; GROSFOGUEL, R.; TORRES, M. **Decolonialidade e pensamento afrodiasporico**. Belo horizonte: Editora Autêntica, 2018.

_____; MARTINS, Aracy Alves. **Afirmando direitos: Acesso e permanência de jovens negros na Universidade**. Minas Gerais: Autêntica, 2006.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Org. RIOS, Flavia; LIMA, Marcia. 1ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

_____. **Primavera para as rosas negras**: Lélia González, em primeira pessoa. Editado de forma independente pela União dos Coletivos Pan-Africanistas de São Paulo São Paulo, UCPA, 2018.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 23-47, 2016.

HOOKS, bell. **Intelectuais Negras**. **Estudos Feministas**, Florianópolis: v.

3, n. 2, Trad. Marcos Santarrita, 1995..

MALDONADO-TORRES, N. Descolonización y el giro descolonial.

Tabula Rasa, n. 9,
p. 61-72, 2008.

MOURA, Dione Oliveira; ALMEIDA, Tânia Mara. Ancestralidade, Interseccionalidade, Feminismo Afrolatinoamericano e Outras Memórias sobre Lélia Gonzalez. *Revista Arquivos do CDM*, Volume 8, N.2. Jul/Dez, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/CMD/article/view/31148>. Acesso em 10.out.2020.

_____; SANTOS, Elen Cristina Ramos. O encontro da vigilância comemorativa com a epistemologia negra e o feminismo negro: um dos lugares-memória de Lélia Gonzalez. In: SANTOS, Ivair; MOREIRA, Marcos. (Org.). **As estruturas dissimuladas do racismo**: história, memórias e resistências. 1ed. Porto Alegre: Nova Praxis, 2020, v. 1, p. 167-190.

REIS, Diego dos Santos. Saberes encruzilhados: (de)colonialidade, racismo epistêmico e ensino de filosofia. In: **Educar em Revista**, Curitiba, v. 36, e75102, 2020

RIOS, Flavia; MACIEL, Regimiere. Feminismo negro brasileiro em três tempos: Mulheres Negras, Negras Jovens Feministas e Feministas Interseccionais. *Revista Estudos Feministas*, 2018. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys31/black/flavia.htm> Acesso em: 30.Set.2020.

_____; RATTS, Alex. A perspectiva interseccional de Lélia Gonzalez. In: Chalhoub, S.; Pinto, F. (org.). **Pensadores negros-pensadoras negras do século XIX e XX**. 1a.ed. Belo Horizonte: Traço Fino Ltda, 2016, p. 387-402.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos**: modos e significações. Brasília. INCTI, UnB, 2015.

SANTOS, Elen Cristina Ramos dos. **Lélia Gonzalez**: (re)existência política, afetiva e epistemológica na universidade. 2020. 105 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

SILVA, Danilo da Conceição Pereira. Performances de gênero e raça no ativismo digital de Geledés: interseccionalidade, posicionamentos interacionais e reflexividade. *Revista Bras. Linguíst. Apl.*, v. 20, n. 3, p. 407-442, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-63982020000300407&script=sci_arttext Acesso em: 20.set.2020.

SOLANA, Mariela; VACAREZZA, Nayla Luz. Releituras feministas da “virada afetiva”. *Revista Estudos Feministas*, vol.28, n.2, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2020000200600&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 23.dez.2020

TEIXEIRA, Patricia. **A organização da informação em plataforma de gestão de referências, a Zotero**: a coleção Lélia Gonzalez e o Projeto Memória'. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2017.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimento de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista da ABPN**, v. 1, n. 1, p. 1-11, mar./jun. 2010.

ZEIDMAN, Claude. Ciências e gênero. In: HIRATA, H. et al. (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 40-44.